



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

RAQUEL PALMEIRA DE OLIVEIRA

ASPECTOS FONÉTICOS E FONOLÓGICOS DA LÍNGUA KARAJÁ-XAMBIOÁ

ARAGUAÍNA

2018

RAQUEL PALMEIRA DE OLIVEIRA

ASPECTOS FONÉTICOS E FONOLÓGICOS DA LÍNGUA KARAJÁ-
XAMBIOÁ

Monografia apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Araguaína como requisito parcial para obtenção de título de licenciada em Letras, sob orientação do Prof. (a) Francisco Edviges Albuquerque

Orientador: Prof. Dr. Francisco Edviges Albuquerque

ARAGUAÍNA

2018

RAQUEL PALMEIRA DE OLIVEIRA

ASPECTOS FONÉTICOS E FONOLÓGICOS DA LÍNGUA KARAJÁ-
XAMBIOÁ

Monografia avaliada e apresentada à UFT –
Universidade Federal do Tocantins – Campus
Universitário de Araguaína, Curso de Letras para
obtenção do título de licenciada em Letras e
aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela
Banca Examinadora.

Data da aprovação: ____/____/____

Banca Examinadora

Prof. Dr. Francisco Edviges Albuquerque (UFT)
(Orientador)

Prof. Dra. Maria Eleuda de Carvalho (UFT)
(Membro Interno)

Prof. Dra. Ana Claudia Castiglioni (UFT)
(Membro Interno)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que desde quando nasci demonstra um cuidado excepcional com a minha vida e tem me feito andar por caminhos de amor. A Ele seja sempre o crédito, pois sempre será digno de tudo.

Agradeço a minha Mãinha, Nice Palmeira, por sempre ser uma mulher forte, destemida e muito comprometida com a minha educação. Não tenho dúvidas ao afirmar que se não fosse seu esforço e o amor que nutre por mim nada disso seria possível. A admiração que sinto pelo seu caráter é imensurável e serei grata enquanto eu respirar.

Aos meus avós, meus tios, tias, primos, e em especial a minha tia Eliane de Jesus, que desde minha adolescência me trazia para UFT e me deu coragem para caminhar pela docência. Agradeço em especial também aos meus primos Mateus Oliveira, Renata Oliveira e Camila Ribeiro.

Agradeço excepcionalmente a Dona Maria Violeta Achurê Karajá, que foi quem me inspirou a desenvolver essa pesquisa, e me fez entender como a cultura, as histórias e principalmente a língua é importante para seu povo. Tenho uma inenarrável admiração por essa guerreira matriarca.

Ao meu orientador Professor Dr. Francisco Edvigés Albuquerque, por ter me acolhido e me convidado a fazer parte do LALI – Laboratório de Línguas Indígenas da UFT, ainda no segundo período, mais do que meu orientador é um exímio amigo que Deus me deu e tenho muito apreço por sua vida.

Agradecimentos especiais também tenho a Adriano Karajá, por ser mais que um companheiro, por ser esse noivo, futuro marido, que torna os meus dias mais felizes e me faz perceber que apreciar o simples não é uma utopia, mas uma escolha. E que escolha bonita! Você é o melhor presente que o Povo Karajá-Xambioá poderia ter gerado para mim.

Á todos os meus amigos, em especial Thaís Oliveira, Felipe Maranhão, Andressa Duarte, Jherllison Monteiro e Débora Aparecida, que fizeram a caminhada mais reconfortante, tenho ótimas lembranças de nossas aventuras. Seremos para sempre um grupo fantástico!

Aos meus exímios professores pela generosa atenção que me deram e em especial a Professora Maria Eleuda de Carvalho e Professora Ana Claudia Castiglioni, que aceitaram compor a banca deste trabalho. E a professora Danielle Mastelari por contribuir de maneira firme. Muito Obrigada!

“O Povo Karajá-Xambioá congelou seu passado,
temendo não poder reproduzi-lo no futuro”.

(TORAL, 1992)

RESUMO

Essa pesquisa caracteriza a descrição dos aspectos fonéticos e fonológicos da língua Karajá-Xambioá. O povo Karajá-Xambioá, também conhecido como Karajá do Norte, é um povo que se encontra localizado a margem do Rio Araguaia com área demarcada de 3.326.3502 ha, no município de Santa Fé do Araguaia no estado do Tocantins. A reserva indígena é composta por quatro aldeias: Xambioá, Kurehê, Wari-Lyty e Hawa-Tymyra, com uma população estimada em 593 pessoas, segundo dados do DSEI-TO (2016). A língua Karajá, segundo Rodrigues (1986), pertence ao tronco linguístico Macro-Jê e a família linguística Karajá, possuindo em seu alfabeto 28 letras, sendo 14 consoantes e 10 vogais. Como metodologia de pesquisa foram realizadas visitas técnicas às aldeias Xambioá para obtenção de dados que compõe o corpus da pesquisa, além de alinhamento teórico com base em alguns autores como CAGLIARI (2007), SILVA CRISTÒFARO (2007), TORAL (1992), entre outros que sustentam a cientificidade da pesquisa. Como resultados preliminares temos descrições de segmentos vocálicos, segmentos consonantais da língua Karajá-Xambioá, além de uma breve explanação acerca das realizações fonológicas existentes nessa língua. A pesquisa tem cunho qualitativo e etnográfico e é uma importante contribuição para a manutenção linguística do povo, e consequentemente permeia e assegura uma educação escolar indígena bilíngue e diferenciada.

Palavras-chave: Fonética e fonologia; Karajá-Xambioá; Educação Indígena.

ABSTRACT

This research characterizes the description of the phonetic and phonological aspects of the Karajá-Xambioá language. The Karajá-Xambioá people, also known as Karajá do Norte, are a town located on the Araguaia River with a demarcated area of 3,326,3502 there, in the municipality of Santa Fe do Araguaia in the state of Tocantins. The indigenous reserve is composed of four villages: Xambioá, Kurehê, Wari-Lyty and Hawa-Tymyra, with a population estimated at 593 people, according to DSEI-TO (2016). The Karajá language, according to Rodrigues (1986), belongs to the Macro-Jê linguistic trunk and the Karajá linguistic family, possessing in its alphabet 28 letters, being 14 consonants and 10 vowels. As a research methodology, the Xambioá villages were used to obtain data that compose the corpus of the research, as well as theoretical alignment based on some authors such as CAGLIARI (2007), SILVA CRISTÒFARO (2007), TORAL (1992), among others which support the scientific research. As preliminary results we have descriptions of vowel segments, consonant segments and phonemes of the Karajá-Xambioá language, as well as a brief explanation about the phonological achievements in this language. The research has a qualitative character and is an important contribution to the linguistic maintenance of the people, and consequently permeates and ensures a bilingual and differentiated indigenous school education.

Keywords: Phonetics and phonology; Karajá-Xambioá; Indigenous Education.

Lista de ilustração

Figura 1 – Mapa da Terra Indígena Karajá-Xambioá.....	17
---	----

Lista de Quadros

Quadro 1 – Grupos locais Karajá-Xambioá.....	14
Quadro 2 – Fonemas Vocálicos orais do <i>Inỹ Rybe</i>	25
Quadro 3 – Fonemas Vocálicos Nasais do <i>Inỹ Rybe</i>	25
Quadro 4 – Fonemas Consonantais do <i>Inỹ Rybe</i>	29

LISTAS DE SIGLAS

DSEI	Distrito Especial de Saúde Indígena
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
IPA	International Phonetic Association
LALI	Laboratório de Línguas Indígenas
RCNEI	Referencial Curricular Nacional das Escolas Indígenas
SPI	Serviço de Proteção ao Índio
UFT	Universidade Federal do Tocantins
SEDUC	Secretaria de Educação
SIL	Summer Institute of Linguistics

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I	13
1.1 História do Povo Karajá-Xambioá.....	13
1.2 Povo Karajá-Xambioá na atualidade.....	17
CAPÍTULO II	20
2.1 Referencial teórico e metodológico.....	20
2.2 Os colaboradores.....	22
CAPÍTULO III	24
3.1 Fonologia Karajá-Xambioá.....	24
3.2 Os segmentos vocálicos.....	24
3.3 Os segmentos consonantais.....	29
3.4 Glides.....	32
REFLEXÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	35

INTRODUÇÃO

A educação escolar é uma importante peça na resistência das línguas minoritárias existentes no Brasil, e seu ensino dentro da realidade de cada povo é assegurado pelos Artigos 210 e 215 da Constituição Federal de 1988. O ensino de língua materna dentro das escolas indígenas é peça fundamental na manutenção cultural, ideológica e ritualística, e diante dessa realidade faz-se imprescindível que existam materiais que deem suporte a essa educação da forma mais concisa e específica.

O povo Karajá-Xambioá possui quatro escolas que atendem seus alunos do ensino fundamental I ao ensino médio. As escolas são mantidas pela Secretaria de Educação (SEDUC) do Estado do Tocantins e conta como corpo docente professores indígenas e não indígenas. A grade curricular possui disciplinas específicas voltadas a cultura e tradição do Povo Xambioá, inclusive a disciplina de *Inỹ Rybé* (Língua Karajá), ministrada em língua materna pelos professores indígenas.

Em visitas técnicas realizadas nas aldeias do Povo Xambioá, foi possível notar uma carência de materiais didáticos específicos para a realidade dos alunos. O estudo da fonética e fonologia é um importante aliado dos professores indígenas no ensino de língua materna para as crianças na aldeia. Diante dessa realidade, buscamos descrições fonéticas e fonológicas que irão fazer parte do material diferenciado técnico dos professores. O suporte que será dado no processo de ensino e aprendizagem, e de preservação das crenças e costumes através da língua, busca amenizar essas dificuldades de conhecimento por carência de informações mais acuradas e precisas, como a relação e a diferenciação entre grafemaXfonema que fazem parte, de forma muito intensa, do ensino de língua materna. Assim, O objetivo geral consiste em contribuir com os estudos da fonética e fonologia para uma educação escolar indígena específica bilíngue e diferenciada para o povo Karajá-Xambioá.

A pesquisa, assim, parte de uma premissa de lacunas científicas de levantamentos, classificações e descrições de fonemas, perpassando a coleta de dados na etnografia concomitantemente com a referenciação teórica, que são imprescindíveis para uma educação escolar específica, diferenciada e bilíngue para o Povo Karajá-Xambioá.

Como embasamento teórico, que se debruçaram sobre o Povo Karajá-Xambioá, foram utilizados autores como André Toral (1992), que em sua tese de doutorado fez um estudo reflexivo da cosmologia e sociedade Karajá, Karajá-Xambioá e Javaé, e conta com importantes dados históricos que contribuem de forma descritiva na identidade cultural e

ritualística do Povo Xambioá, perpassando sentidos demográficos, histórico de contato e contextos sociohistóricos. É imprescindível que haja a contextualização histórica e cultural acerca do Povo Xambioá, pois as discussões e levantamentos fonológicos estão intrinsecamente ligados à vida e à identidade desse povo.

No que tange aos estudos fonéticos e fonológicos foram empregados autores como Thaís Cristóvão Silva (2017), Francisco Edviges Albuquerque (2007); importantes foneticistas da língua portuguesa e das línguas indígenas, que contribuíram na análise e descrição dos segmentos vocálicos e consonantais dos dados coletados em campo. Os autores citados influenciaram na classificação dos fonemas e nas terminologias utilizadas para cientificidade das descrições fonéticas e fonológicas.

No que toca as descrições fonéticas e fonológicas é necessária a utilização de um alfabeto fonético padronizado internacionalmente, e foi adotado as fontes do SIL (SUMMER INSTITUTE OF LINGUISTICS) com embasamento no IPA – International Phonetic Association (Associação Fonética Internacional) que disponibiliza o Alfabeto Fonético Internacional.

Como metodologia, fez-se um levantamento bibliográfico sobre os autores que realizaram ou realizam estudos sobre a fonética e fonologia, em especial, das línguas indígenas, numa vertente culturalmente situada na perspectiva da descrição línguas indígenas brasileiras, valorizando a relação entre grafemaXfonema. A rigor não é apenas o conhecimento da estrutura linguística da unidade lexical que interessa, mas fundamentalmente, como os Karajá-Xambioá manifestam a fonética e como eles se manifestam através dela, com dados de gravações coletadas com os falantes da língua. Nossa pesquisa se configura como etnográfica, de base qualitativa e bibliográfica, levando em consideração às visitas técnicas às aldeias do Povo Xambioá para coleta de dados, correlacionando conhecimentos científicos com os dados colhidos em campo.

Os capítulos seguem a contextualização, com a história do Povo Xambioá, os referenciais teóricos utilizados, bem como os métodos e as descrições fonético-fonológicas do *corpus* levantado durante o período de pesquisa em campo.

Capítulo 1

1.1 História do Povo Karajá-Xambioá

O Povo Karajá-Xambioá é o mais setentrional do povo Inỹ (Karajá), que tradicionalmente habita a região do baixo Araguaia. Segundo SALLES (1992), o primeiro contato do povo Xambioá com o não indígena se deu no ano de 1658 com a missão jesuíta representado pelo Padre Tomé Ribeiro, que em seu relato diz ter encontrado os Karajá do baixo Araguaia. Essa designação “Karajá de baixo” se deu pelo fato do Xambioá não subir o Rio Araguaia sentido a Ilha do Bananal e se reunir com os outros grupos Karajá (Karajá da Ilha e Javaé). Entre os anos de 1718 a 1746 a bandeira paulista que se designava rumo ao Oeste e Norte do Brasil se deparou com os Karajá-Xambioá, essa expedição que tinha como intuito a integração, exploração dos recursos naturais, passou a capturar e escravizar os indígenas no século XVIII, e assim iniciou-se o processo de ocupação econômica de Goiás, com base na exploração aurífera que se desenvolvera segundo a orientação da política mercantilista do estado Absolutista da coroa portuguesa. (SALLES, 1992)

Para garantir o território à margem do Rio Araguaia, o povo Xambioá, segundo (TORAL, 1992), tem em sua história relatos de guerras com diversos grupos indígenas, como os Kayapó, Xikrin, Metuktire, Apinayé e os Akwem (Xerente), além dos já extintos Irã-amrãire, no século XIX, cujas aldeias encontravam-se instaladas em pontos do baixo Araguaia. Após anos de conflitos, os povos adversários já tinham um vasto conhecimento da fama que carregava os guerreiros Xambioá, assim, saíram das margens do Rio e procuraram outros territórios ao centro do Norte Goiano e outros fugiram para o estado do Pará. A expansão territorial do povo Xambioá se limitava apenas a margem direita do Rio Araguaia, e como possuíam uma grande extensão territorial era visível que a luta pela defesa desse território iria deixar de ser apenas contra outros povos indígenas e passaria a lutar também contra os invasores. Ao verem suas terras invadidas, muitos foram os que entraram em conflito com os bandeirantes e colonos, em lutas que resultaram no massacre de muitos indígenas, acarretando na migração para outras regiões subindo o Rio Araguaia.

Ainda, segundo relata o antropólogo André Toral (1992), calcula-se que aproximadamente o povo Xambioá está nas margens do Rio Araguaia há pelo menos quatro séculos, e as primeiras informações sobre a localização do grupo, que datam do final do século XVI, descrevem-nos como habitantes do baixo e médio curso desse rio, ou seja, o Povo Xambioá nunca se distanciou de suas raízes territoriais, mesmo diante de ocupações e

invasões de uma boa parte dele por não-índios, sempre foram resistência, mostrando sua bravura e constância.

O primeiro censo de quantitativo populacional tem datação de 1844 e aponta cerca de 2.500 pessoas divididas em três aldeias. Os censos que se seguem não destoam muito do quantitativo da primeira datação, revelando no século XIX, uma ocupação do povo Xambioá, de cerca de 240 km ao longo do Rio Araguaia (Ehrenreich (1887): 1948 155 APUD). Em 1920/1930 o povo Xambioá desintegrou às “grandes aldeias” onde moravam, criando pequenos grupos locais, geralmente compostos por uma família extensa. Nessa época existem registros de oito grupos locais, vivendo próximos a núcleos regionais, e o intercâmbio entre eles se dava de forma muito latente. A população Karajá do Norte encontrava-se naquela época vivendo nos seguintes grupos locais em 1920/1930, segundo TORAL (1992):

Quadro I – Os grupos locais

Nome da aldeia	Nome atual do local
Manamyrỹ	P.I. Xambioá
Kabitxanã	Araguanã
Xiwahati	São Domingos
Koro	Itaipava
Tomaré	Faz. Santa Rita
Haririwa	Cinzeiro
Berorehe	Liberando ou S. Francisco
Kabirirỹ	Foz do Cabiruru

Fonte: TORAL, 1992

O extinto Serviço de Proteção ao Índio (SPI) fez diversas tentativas de reagregar esses grupos locais em grandes aldeias novamente, porém não houve êxito. Apesar de um intercâmbio existir entre esses grupos locais a ideia de se reunirem não causou muito contentamento, pois cada grupo local possuía uma liderança e logo discussões, brigas, acusações de feitiçarias, de assassinatos foram inviabilizando as tentativas de reagrupação.

Somente em meados de 1950 é que os funcionários do SPI, depois de muito diálogo, conseguiram uma reunião definitiva com os representantes das comunidades locais na aldeia do Posto, também conhecida como Manamyrỹ, conseguindo assim que esses grupos locais se reunissem nessa aldeia e vivessem lá. O capitão Manuel Achurê, líder do remanescente de Araganã, tornou-se a liderança predominante na política interna da comunidade, exercendo grande influência na relação entre o SPI, que mais tarde tornou-se Fundação Nacional do Índio (FUNAI), nas vagas ofertadas de emprego, bem como todas as “vantagens” de direitos concedidas pelo órgão do Governo Federal. A influência de Achurê não consistia apenas no

que tange as políticas internas, ela se estendia ao território físico, onde ele negociava venda de madeira, comércio com regatões (permissão para venda de pinga, atracagem), o que por diversas vezes gerou conflito de ideias com o SPI/FUNAI. (TORAL, 1992)

No fim do século XIX, guarnições militares foram construídas na região onde habitavam, com o intuito de vigiá-los para garantir o direito à navegação. Juntamente a essa circunstância, os missionários capuchinhos causaram grande repressão ao povo, e o aparecimento de diversas epidemias culminaram em um declínio populacional estarrecedor. De um quantitativo de mais de 2000 pessoas em 1844, reduziram-se para 40 pessoas em 1959. Diante dessa realidade, nos anos que seguem entre 1970 até 1982, 14 matrimônios foram contraídos com pessoas da região (não indígenas). Segundo TORAL (1992), os motivos desses matrimônios baseavam-se em:

Essas uniões com regionais explicam-se parcialmente em função da grande distância em relação às aldeias Karajá mais próximas (mais de 100 km rio “acima”, i.é, ao sul) e também devido às relações sempre tensas entre as famílias reunidas na aldeia “do Posto”. Se por um lado essas uniões permitiram a recuperação populacional do grupo, por outro causaram considerável abalo na manutenção de certos aspectos da cultura Karajá do Norte. A vida ritual foi muito simplificada, restringindo-se, em 1982, a montagem de algumas fases da cerimônia de iniciação dos rapazes. (TORAL, 1992, p. 31)

Ainda segundo este autor, o Povo Xambioá encarando aos poucos uma nova realidade, trazida pelos casamentos iterétnicos, vive em 1984 uma novidade com a realização de uma eleição direta para cacique, em que Borori Txebruaré ganha o cacicado. O resultado trouxe grande descontentamento à família Achurê, pois ao perderem de maneira formal a chefia da aldeia e assim o controle da verba que era destinada ao 16ª Delegacia Regional da FUNAI, muitas tensões foram formadas e ficou insustentável a convivência de ambas as partes. Diante dessa realidade, em 1985; o Cacique Borori, liderando um grupo de dissidentes, funda à aldeia *Kurehê* ou “Nova”, há quatro quilômetros da antiga.

Na antiga aldeia permaneceram os descendentes de Manoel Achurê, agrupados de maneira a serem liderados pela filha dele, Txukodese (Txukó ou Maria Floripedes), que era professora bilíngue assalariada pela FUNAI, e apesar de não ter sido formalmente reconhecida dentro da aldeia como cacique¹, exercia uma influência decisiva na política interna. Porém, em 1988, Txukodese faleceu prematuramente aos 35 anos de idade, deixando uma lacuna na aldeia e uma política difusa entre os seus membros.

¹ A política de cacicado na época era baseada formalmente nos homens. Hoje, no entanto, esta realidade tem sido alterada com o cacicado da Aldeia Manoel Achurê de maneira formal com uma mulher, a primeira de seu povo.

Em 1987 há relatos de uma explicação que era dada a quem tinha indagações a respeito da fundação da Aldeia Kurehê. Os emigrados explicavam a separação aos seus visitantes demonstrando que o motivo que culminou tal ato, era a necessidade de haver separação entre os Karajá “puros” e os Karajá “misturados”, que ficaram circunscritos à aldeia do “Posto” e a “Nova” respectivamente. (MAIA, 1987). Esta explicação, no entanto, era inviável, pois através de uma simples observação era possível notar que a presença de mestiços era equivalente em ambas às aldeias.

1.1.1 Descendência Karajá-Xambioá e nomeação

A grande influência de líderes que fizeram marco na história do Povo Xambioá é demonstrada de forma latente na nomeação parental. A ligação existente com os antigos grupos locais da década de 40 e 50 permanece viva com a transformação dos nomes desses líderes em sobrenome familiar. Como forma de exemplificação as estruturas dos nomes seguem uma ordem quase sempre bem dividida, compondo-se de:

- (1) Prenome em Português;
- (2) Prenome em Karajá;
- (3) Sobrenome familiar (nome do líder ancestral);
- (4) Sobrenome étnico (Karajá);

Tomando exemplo de nomes de lideranças do ano de 1988, temos: Maria Floripedes Txukodese Achurê Karajá e José Borori Txebruaré Karajá, descendentes de antigas lideranças da família Achurê e Txebruaré (TORAL, 1992). Essa referenciação masculina nos dá uma ideia de linhagens no Povo Xambioá, no entanto a descendência é bilateral e nos remete a um sentido de “poder” e representatividade política dentro da comunidade.

1.2 Povo Karajá-Xambioá na atualidade

O povo Karajá-Xambioá hoje está situado à margem direita do Rio Araguaia, município de Santa Fé do Araguaia, estado do Tocantins. A terra indígena foi demarcada em 03 de novembro de 1997 com uma área de 3.326.3502 há, (três mil, trezentos e vinte e seis hectares) e possui cerca de 80% de sua mata intacta. A terra é composta por cinco aldeias: *Xambioá*, *Wary-Lýtÿ*, *Kurehê*, *Hawa-Tymara* e *Manoel Achurê*, com uma população estimada em 543 habitantes segundo dados do Distrito Sanitário Especial Indígena (DSEI)/Fundação Nacional de Saúde (FUNASA) (2016). Os Karajá-Xambioá são classificados segundo Rodrigues (1986) como pertencentes ao tronco linguístico Macro-Jê, e à família linguística Karajá, falantes do *Inÿ rybè*.

Figura 1. Mapa da Terra Indígena Karajá-Xambioá:



Fonte: FUNAI/Araguaína, 2017

De acordo com as observações vivenciadas durante a pesquisa *in locu*, constatamos que sua subsistência é pautada nos recursos extraídos da natureza de forma sustentável,

possuindo a pesca como principal atividade. As roças de tocos², a caça e a coleta de frutos são também mecanismos de sustento que permeiam a cultura e sociedade desse povo.

O povo Xambioá hoje está fixo as margens do Rio Araguaia, e não existe conflito com nenhum outro povo, vivendo em harmonia com todos os demais indígenas e com os não indígenas também. Existe um grande empenho da comunidade em viver com os avanços tecnológicos dos dias atuais, mas sem perder suas raízes tradicionais, fazendo desta tecnologia uma ferramenta de inclusão.

A ligação com o Rio Araguaia é parte fundamental na identidade Karajá, pois sua história de nascimento está intrinsecamente ligada ao rio.

O mito de origem Karajá contado pelos mais velhos, narra que existia uma aldeia no fundo do Rio Araguaia, onde todos viviam e compunham a comunidade *Berhatxi Mahadu* (Povo do fundo das águas), um local onde não existia morte e nem doenças. Certo dia um jovem Karajá casou-se, e após certo tempo teve um filho, e como era tradição, a urina do bebê deveria ser feita de mel de abelha, e assim o jovem saiu em busca do mel. Após uma longa procura ele encontrou uma passagem chamada *Inỹ Sedena* (Lugar da mãe da gente), e subindo à superfície, o jovem ficou fascinado pelas praias e riquezas do à beira do rio, e logo encontrou o mel em uma árvore. Quando retornou à aldeia, contou a todos sua descoberta na superfície e no dia seguinte muitos saíram para ver a passagem e decidiram entrar, porém *Koboi* era gordo e ficou preso, não conseguindo sair. Ao observar atentamente de dentro da passagem, *Koboi* percebeu que do outro lado havia doenças, que as árvores estavam secando, e questionou aos outros se eles ficariam nesta nova terra, no mundo de morte. Ele então tampou a passagem e deixou os outros para fora. Até os dias atuais, o Povo Xambioá, habitante da margem do Araguaia, nos meses de junho e julho acampam nas praias no meio do rio, com a esperança de um dia retornarem para a sua comunidade de origem.

A força da historicidade e da tradição é retomada com a ajuda da escola, que apesar de contar com professores não índios, boa parte do quadro de funcionários são indígenas que nasceram e cresceram na Terra Indígena Xambioá. A importância de o próprio povo tomar o lugar de destaque dentro de sua comunidade, principalmente na educação formal, permeia os direitos assegurados pela Constituição de 1988 no Artigo 215 que diz “O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.” Diante disso é perceptível, na comunidade, que o indígena tem tomado o lugar de destaque e tornado-se o

² Roça não mecanizada.

protagonista de sua própria história, concebendo e repassando valores e saberes que são imutáveis para sua cultura.

Um dos bens culturais mais latentes são as festas tradicionais, que funcionam como mecanismos de manutenção cultural muito presente na comunidade Karajá-Xambioá. As festas ocorrem no mês de Abril, Julho e Agosto/Setembro. A festa de Abril acontece na aldeia *Hawa-Tymara*, em comemoração ao dia do índio, com cantos tradicionais, grafismos, cultos evangélicos, corridas de longa distância, competições de arco e flecha, *Karalahu* (o espírito do índio guerreiro), além das comidas típicas tradicionais, como peixe e tartaruga assada. A festa de Julho acontece na aldeia *Wari-Lỹtỹ*, chamada Festa do Peixe, que dispõe de todas as programações da Festa do Índio, assim como também a festa realizada na Aldeia Xambioá em Agosto/Setembro, chamada de Festa da Tartaruga, que possui ainda competições de canoagem. As festas tradicionais são importantes comemorações para o Povo Xambioá, pois reafirmam sua identidade cultural e ritualística, além de serem importantes mecanismos de resistência histórica. As festas são abertas para apreciação do público que desejar ir até à comunidade.

A importância do conhecimento, da convivência e principalmente do respeito aos povos indígenas de modo geral faz-se em extremo necessário. A história de resistência desses povos minoritários imprime em nós, não indígenas, a força do que significa conviver em comunidade, o que é conceber que somos todos compostos pelos mesmos elementos, e que o Planeta Terra é nossa nacionalidade.

Capítulo II

Neste capítulo discutiremos os referenciais teóricos e metodológicos que deram suporte para nossa pesquisa, que teve como principal método a etnografia, que Angrosino (2009, p. 31) conceitua como algo que é “feito *in loco* e o etnógrafo é, na medida do possível, alguém que participa subjetivamente nas vidas daqueles que estão sendo estudados, assim como um observador objetivo daquelas vidas.”.

2.1 Referencial teórico e metodológico

Nas sociedades mundiais, de forma geral, existe grande mácula direcionada aos povos minoritários. Esses grupos que em grande maioria são compostos de indivíduos que não possuem um poder econômico privilegiado passa por um processo de estratificação social estarrecedor, que perpassa suas particularidades e todos os contextos que os cercam, principalmente suas formas de manifestação individual, como a língua materna. Em toda comunidade que existe uma língua dominante, toda forma de expressão linguística que não for baseada nessa configuração que prevalece, é tida como inferior e conseqüentemente sofre grande desvalorização.

No Brasil, segundo Rodrigues (1988, p.106), cerca de 180 línguas indígenas são faladas cotidianamente, além do português. O bilinguismo ou até mesmo o multilinguismo desses brasileiros é totalmente desvalorizado pelos dominantes monolíngues, pois as manifestações linguísticas dos povos nativos não servem de instrumento para os grupos prevalecentes da nação. O Referencial Curricular Nacional das Escolas Indígenas (RCNEI), (1998, p.117) explicita que a compreensão deste caso de desvalorização de uma língua está intrinsecamente ligada ao poder político e econômico de seus falantes. Quando existe prestígio dos falantes, existe prestígio da língua, da literatura, das artes e de todas as manifestações históricas do grupo, mas quando os falantes são estigmatizados, o caminho é totalmente inverso. A população indígena brasileira ocupa uma posição de inferioridade desde o processo de colonização europeu, por esse motivo é entendível que as línguas indígenas sejam tão desconhecidas e ignoradas pelos falantes majoritários, como é o caso do *Inĩ Rybe*, a qual nos referimos neste contexto.

O processo de desvalorização da língua dominada, por muitas vezes, leva seus falantes a perderem sua língua gradualmente. Albuquerque (2007), porém, afirma que é possível impedir que uma língua indígena desapareça da seguinte forma:

(...) é preciso que, em primeiro lugar, seus falantes percebam as causas que estão colocando em risco a sobrevivência de sua língua; em segundo lugar, que

assumam o compromisso de tentar impedir o avanço da língua dominante na sua comunidade. (ALBUQUERQUE, 2007. p.45)

Desse modo, o propósito de contribuição das descrições fonéticas e fonológicas é encaminhar, a língua materna do Povo Karajá-Xambioá, a um viés de manutenção e valorização dentro da própria comunidade, auxiliando o conhecimento mais acurado da língua.

Por conseguinte, pautamos a pesquisa em dados coletados na fala de indígenas pertencentes ao povo Karajá-Xambioá, nas aldeias *Hawa-Tymara*, *Manoel Achurê* e *Xambioá*. A língua Xambioá pertence ao mesmo tronco linguístico e família linguística que os povos Javaé e Karajá da Ilha, entretanto existem particularidades na fala e na escrita que pertencem a Língua Xambioá, com alterações de fonemas e de gêneros na fala e na escrita.

Os dados da fonologia Xambioá foram coletados a partir de interações informais com os mais velhos, na contação de histórias, palavras escritas, além de gravações de palavras específicas faladas pelo povo, que foram escolhidas pelo pesquisador. As gravações foram feitas, preferencialmente, em locais com baixo ruído com um entrevistado por vez, e estão arquivadas no Laboratório de Línguas Indígenas (LALI) da Universidade Federal do Tocantins (UFT) para comprovar a fidelidade das descrições. Para a concretização dos dados colhidos foi realizado, posteriormente, um estudo bibliográfico de autores que tratam de Fonética e Fonologia, como alicerce para as descrições. Os detalhamentos fonológicos também contaram com a participação do orientador deste trabalho, Prof Dr. Francisco Edviges Albuquerque, como também nas transcrições fonéticas e análises fonológicas do *Inỹ Rybe*. Foram utilizadas as fontes do IPA (SIL/IPA, 2004, 2006) que fornecem símbolos padronizados para as descrições.

Na análise de dados, foi tomada como princípio norteador para a abordagem fonológica a proposta de Cristóforo (2017), que oferece suporte técnico a classificação dos segmentos vocálicos e segmentos consonantais na Língua Xambioá. Os dados então serão apresentados na ortografia oficial do *Inỹ Rybe*, acompanhado da transcrição fonética correspondente, relacionando também com suas variações marcadoras de sexo, ademais também suportes teóricos de Cagliari (2007) e Albuquerque (2007).

A pesquisa então é concebida como etnográfica, configurando-se também de base qualitativa e bibliográfica, levando em consideração às visitas técnicas às aldeias do Povo Xambioá para coleta de dados, correlacionando conhecimentos científicos com os dados colhidos em campo.

2.2 Os colaboradores

Em primeira instância a estadia com o Povo Xambioá foi extremamente calorosa e receptiva, as observações assistemáticas foram geradas para obtenção de informações uteis e necessárias para os primórdios da pesquisa. As conversas com a comunidade foram originadas de forma amigável e fraterna, com uma troca de experiências que perpassa não só os saberes tradicionais (modos de ensinar que atravessam gerações), mas impressões da vida e da história, uma troca que muito mais acrescentou e acrescenta ao pesquisador.

As interações foram tornando-se mais estreitas com as visitas regulares à aldeia, fazendo parte do cotidiano da comunidade, participando das tarefas no *Berohokỹ* (Rio Grande ou Rio Araguaia) pescando, lavando vasilhas e roupas. As tarefas também em casa, junto ao seio familiar que a comunidade *Ynỹ* faz com destreza, e a família *Achurê* ensina com amor e compreensão.

As gravações que compõem o *corpus* da pesquisa foram coletadas no período de Agosto a Outubro de 2018 na Terra Indígena Karajá-Xambioá, município de Santa Fé do Araguaia, por este motivo os itens lexicais são limitados, entretanto foram analisados padrões diferentes de mesmos lexemas. Os falantes contactados são adultos (com mais de 30 anos), de ambos os sexos e bilíngues (falantes de *Inỹ Rybe* e Português), com um total de quatro indígenas entrevistados. A escolha dos colaboradores foi baseada em:

- A) Bilinguismo: para descrever com fidelidade os fonemas da língua Xambioá.
- B) Faixas etárias: as crianças não foram incluídas na pesquisa por não serem totalmente bilíngues. A escolha pelos mais velhos deve-se ao fato destes expressarem-se com confiança nas duas línguas.

A colaboração foi totalmente voluntária e amistosa, a partir de conversas e ensinamentos básicos de *Inỹ Rybe*. Dos colaboradores contactados, apenas um escreve em sua língua materna, os demais são apenas falantes. Diante disso, as palavras foram coletadas com base nas informações do falante alfabetizado, e as descrições fonéticas são baseadas nas gravações de todos os falantes entrevistados.

O Povo Xambioá possui uma particularidade linguística em diferenciação de fala e escrita a depender do falante, marcada pelo sexo, a saber:

Na grafia Xambioá há diferença entre a fala feminina e fala masculina, sendo que a maioria das palavras é diferente ou modificada, uma vez que a única exceção e a citação direta, quando estão contando uma história tanto o homem quanto a mulher empregam a fala um do outro, a diferença apresentada está na presença da letra “K” na fala feminina, enquanto este não aparece na fala masculina. (Albuquerque e Gomes Karajá, 2016. p.19)

Com base nessas informações, colhemos os dados das diferentes falas, pois apesar de não existir diferença no significado da palavra, os fonemas na Língua Xambioá são distintivos e marcadores de sexo.

Capítulo III

A fonética é a área do estudo das línguas que se debruça de maneira geral nos sons da fala. A fonologia por sua vez, segundo Soares (1992 p.5), “estuda os sons da fala do ponto de vista da função que eles possuem dentro de um sistema linguístico particular”. A fonética e fonologia são estudos linguísticos que convergem entre si, alicerçando o conhecimento do inventário fonológico de uma dada língua. Albuquerque (2007) afirma que ao observamos a variedade existente de línguas indígenas, constatamos que elas diferem nas associações de significante/significado; com exceção de empréstimos linguísticos ou por cognatos da mesma família linguística. Partindo dessa premissa, expomos alguns aspectos da fonologia Karajá-Xambioá.

3.1 Aspectos fonológicos da Língua Karajá-Xambioá

A língua Karajá-Xambioá pertence ao tronco linguístico Macro-Jê e a família linguística Karajá, segundo Rodrigues (1986), possuindo em seu alfabeto 28 letras sendo, 14 consoantes: B, D, H, J, K, L, M, N, R, S, T, TX, X e W, e 14 vogais. Das vogais, 10 são vogais orais: A, À, E, È, O, Ò, I, U, Y, ù, e quatro nasais: Ã, Ì, Õ, ÿ. Segundo Albuquerque e Gomes Karajá (2016):

O nome das letras em Karajá se aproxima do Português, embora haja exceções para as seguintes letras: j se pronuncia como d antes da letra i; a letra k se pronuncia como c antes de a; e o r se pronuncia como r, mesmo no início de palavras. S se pronuncia com a língua entre os dentes. T se pronuncia com a língua na mesma posição que o d. X possui apenas um som de ch na palavra “chá”. À é um som neutro, que se forma no meio da boca. Ò se pronuncia como ó (aberto). È se pronuncia como é (aberto). Y representa um som entre o i e o u, que se pronuncia com a língua elevada no centro da boca e com os lábios não arredondados. (Albuquerque e Gomes Karajá, 2016, p.19).

A produtividade da língua é em grande maioria oxítona, e apenas os verbos são paroxítonos, acentuando-se na raiz. Não existe na língua palavras proparoxítonas.

CONSOANTES KARAJÁ-XAMBIOÁ:

B, D, H, J, K, L, M, N, R, S, T, TX, X, W.

Vogais Orais: A, À, E, È, O, Ò, I, U, Y, ù.

Vogais Nasais: Ã, Ì, Õ, ÿ.

3.2 Os segmentos vocálicos

As classificações das vogais advêm por dois movimentos, o da língua e o dos lábios. Os movimentos da língua são classificados de três formas: anterior, central e posterior. Já os movimentos dos lábios são classificados de duas formas: arredondadas e não arredondadas.

Cristófaro (2017, p.26) conceitua segmentos vocálicos como o local onde “a passagem da corrente e ar não é interrompida na linha central e, portanto, não há obstrução ou fricção.”.

3.2.1 Os fonemas vocálicos em *Inỹ Rybe* (coletados durante a pesquisa)

Os segmentos vocálicos que integram o *Inỹ Rybe* incluem as vogais orais /a, ε, e, ĩ, i, o, ɔ, , ʁ, u/ e as nasais /ã, ã, ĩ, õ/ como está disposto nos quadros abaixo:

Quadro 2: Fonemas Vocálicos orais do *Inỹ Rybe*.

	Anterior		Central		Posterior	
	Não arredondada	Arredondada	Não arredondada	Arredondada	Não arredondada	Arredondada
Alta	ĩ		ĩ			u
Média fechada	e				ʁ	o
Média aberta	ε					ɔ
Baixa			a			

Quadro 3: Fonemas Vocálicos Nasais do *Inỹ Rybe*.

	Anterior		Central		Posterior	
	Não arredondada	Arredondada	Não arredondada	Arredondada	Não arredondada	Arredondada
Alta	ĩ					
Média fechada						õ
Média aberta			ã			
Baixa			ã			

Apresentamos abaixo a descrição fonética dos segmentos vocálicos orais e nasais analisados no *Inỹ Rybe*, seguida de sua transcrição e significado, bem como a diferenciação dos fonemas entre fala masculina (F.M) e fala feminina (F.F), quando existir:

1.1 Vogais orais

1.1.1 Oral central baixa [a]

Inỹ (F.M)	Transc. Fonética	Variação (~) (F.F)	Transc. Fonética (~)	Trad. Port.
Ijòtòbòna	[idzɔtɔbɔna]	Ikòtòbòna	[ikɔtɔbɔna]	porta
Benora	ra]	∅	∅	tucunaré
Rerora	[riɾɔra]	∅	∅	comi

1.1.2 [ɛ] oral anterior não arredondada média aberta;

Inỹ (F.M)	Transc. Fonética	Variação (~) (F.F)	Transc. Fonética (~)	Trad. Port.
Rukuhe	[rukufɛ]	∅	∅	está de noite
Rue	[ruɛ]	∅	∅	olho
Rade	[radɛ]	∅	∅	cabeça

1.1.3 [e] oral anterior não arredondada média alta fechada;

Inỹ (F.M)	Transc. Fonética	Variação (~) (F.F)	Transc. Fonética (~)	Trad. Port.
Arake	[arake]	∅	∅	vou embora
Aõhe	[aõhe]	Anõhe	[anõhe]	tudo bem?
Arõhõke	[arõhõke]	Karõhõke	[karõhõke]	vou tomar banho
Biwawiohenanyke	[biwawiohenanãk e]	Biwawikohenanyk e	[biwawikohenanãk e]	ajude-me

1.1.4 [i] oral central não arredondado;

Inỹ (F.M)	Transc. Fonética	Variação (~) (F.F)	Transc. Fonética (~)	Trad. Port.
Hawyỹ	[hawiĩ]	Hawkỹ	[hawki]	mulher
Weryry	[weriĩ]	Wekyry	[wekiĩ]	menino

1.1.5 [i] oral anterior não arredondada alta;

Inỹ (F.M)	Transc. Fonética	Variação (~) (F.F)	Transc. Fonética (~)	Trad. Port.
Matuari	[matuari]	Matukari	[matukari]	velho
Ruti	[ruti]	∅	∅	perna
Rati	[rati]	∅	∅	cabeça
Tori	[tori]	∅	∅	não indígena
Nohyti	[nõhãti]	∅	∅	orelha

1.1.6 [o] oral posterior arredondada média fechada;

Inỹ (F.M)	Transc. Fonética	Variação (~) (F.F)	Transc. Fonética (~)	Trad. Port.
Aõbo	[aõbo]	∅	∅	quem?
Tori	[tori]	∅	∅	não indígena
Berohokỹ	[berohokã]	∅	∅	Rio grande/Araguaia

1.1.7 [ɔ] oral posterior arredondada baixa aberta;

Inỹ (F.M)	Transc. Fonética	Variação (~) (F.F)	Transc. Fonética (~)	Trad. Port.
Debo	ɔ]	∅	∅	mão
Doroto	[dɔrɔtɔ]	∅	∅	língua
Irodu	[irɔdu]	∅	∅	caça
Waxio	[wafɔ]	Waxiko	[wafiko]	meu braço
Ijorosa	[idzɔrɔθa]	Ikorosa	[ikɔrɔθa]	cachorro

1.1.8 [ɣ] oral posterior não arredondada média alta fechada;

Inỹ (F.M)	Transc. Fonética	Variação (~) (F.F)	Transc. Fonética (~)	Trad. Port.
Deýrã	[deɣrã]	∅	∅	nariz
Irã	[irɣ]	∅	∅	mandioca

1.1.9 [u] oral posterior arredondada alta;

Inỹ (F.M)	Transc. Fonética	Variação (~) (F.F)	Transc. Fonética (~)	Trad. Port.
Ruu	[ru:]	Ruku	[ruku]	noite
Juu	[dʒu:]	∅	∅	dente
Habu	[habu]	∅	∅	homem
Ahu	[aɦu]	∅	∅	lago

1.2 Vogais Nasais

1.2.1 [ɛ̃] central nasal não arredondada;

Inỹ (F.M)	Transc. Fonética	Variação (~) (F.F)	Transc. Fonética (~)	Trad. Port.
Berohokỹ	[beroɦokẽ]	∅	∅	Rio grande/Araguaia
Nohỹti	[noɦẽti]	∅	∅	orelha

1.2.2 [ã] nasal central baixa;

Inỹ (F.M)	Transc. Fonética	Variação (~) (F.F)	Transc. Fonética (~)	Trad. Port.
Manake	[mãnaki]	∅	∅	vem cá

1.2.2 [ĩ] nasal anterior não arredondada alta;

Inỹ (F.M)	Transc. Fonética	Variação (~) (F.F)	Transc. Fonética (~)	Trad. Port.
Binõ	[bĩnõ]	∅	∅	umbigo

1.2.3 [õ] nasal posterior arredondada média fechada;

Inỹ (F.M)	Transc. Fonética	Variação (~) (F.F)	Transc. Fonética (~)	Trad. Port.
Arõhõke	[arõɦõke]	Karõhõke	[karõɦõke]	vou tomar banho
Ahõrõ	[ahõrõ]	∅	∅	seu
Benora	õra]	∅	∅	tucunaré
Aõbo	[aõbo]	∅	∅	como é?

3.3 Os segmentos consonantais

As classificações das consoantes existem com base no ponto (ou lugar) e modo de articulação. Cristófaró (2017, p.26) define um segmento consonantal como “um som que seja produzido com algum tipo de obstrução nas cavidades supraglotais de maneira que haja obstrução total ou parcial da passagem da corrente de ar podendo ou não haver fricção”. Diante disso, destacamos os fonemas consonantais do *Inỹ Rybe* no quadro abaixo:

Quadro 3: Fonemas Consonantais do *Inĩ Rybe*.(Coletados durante a pesquisa)

	Bilabial	Labiodental	Alveolar	Alveolopalatal	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	b		t			k	
Africada				tʃ dʒ			
Fricativa							h
Nasal	m		n				
Tepe			r				

Apresentamos abaixo a descrição fonética dos segmentos consonantais analisados no *Inĩ Rybe*, seguida de sua transcrição e significado, bem como a diferenciação dos fonemas entre fala masculina (F.M) e fala feminina (F.F), quando existir:

1.1 Oclusivas

/B/				
Inĩ (F.M)	Transc. Fonética	Varição (~) (F.F)	Transc. Fonética (~)	Trad. Port.
Benora	[b ra]	∅	∅	tucunaré
Berohokỹ	[berohokẽ]	∅	∅	rio grande/Araguaia
Binõ	[bĩnõ]	∅	∅	umbigo
Debo	bɔ]	∅	∅	mão

/K/				
Inĩ (F.M)	Transc. Fonética	Varição (~) (F.F)	Transc. Fonética (~)	Trad. Port.
Arõhõke	[arõhõke]	Karõhõke	[karõhõke]	vou tomar banho
Manake	[mãnaki]	∅	∅	vem cá
Arake	[arake]	∅	∅	vou embora
Rukurè	[rukur]	∅	∅	já é noite
Kará	[kara]	∅	∅	inhame

/t/				
Inỹ (F.M)	Transc. Fonética	Variação (~) (F.F)	Transc. Fonética (~)	Trad. Port.
Matuari	[matuari]	Matukari	[matukari]	velho
Doroto	[dɔrɔtɔ]	∅	∅	língua
Ruti	[ruti]	∅	∅	perna
Tori	[tori]	∅	∅	não indígena
Ijòtòbòna	[idʒɔtɔbɔna]	Ikòtòbòna	[ikɔtɔbɔna]	porta

1.2 Africada

/tʃ/				
Inỹ (F.M)	Transc. Fonética	Variação (~) (F.F)	Transc. Fonética (~)	Trad. Port.
Itxeo	[itʃɛɔ]	∅	∅	(nome próprio)
Txitxitxitxhi	[tʃitʃitʃitʃi]	∅	∅	joão-de-barro

/dʒ/				
Inỹ (F.M)	Transc. Fonética	Variação (~) (F.F)	Transc. Fonética (~)	Trad. Port.
Juu	[dʒu:]	∅	∅	dente
Ijorosa	[idʒɔrɔθa]	Ikorosa	[ikɔrɔθa]	cachorro
Ijata	[idʒata]	∅	∅	banana
Ijòtòbòna	[idʒɔtɔbɔna]	Ikòtòbòna	[ikɔtɔbɔna]	porta

1.3 Fricativa

/h/				
Inỹ (F.M)	Transc. Fonética	Variação (~) (F.F)	Transc. Fonética (~)	Trad. Port.
Berohokỹ	[berofhokẽ]	∅	∅	rio grande/Araguaia
Habu	[h̃abu]	∅	∅	homem
Nohỹti	[nõh̃tĩ]	∅	∅	orelha
Ahõrõ	[ah̃õrõ]	∅	∅	seu
Ahu	[ah̃u]	∅	∅	lago
Hawỹ	[h̃awĩ]	Hawkỹ	[h̃awki]	mulher
Kaiboho	[kajbõho]	∅	∅	nós

1.4 Nasais

/m/				
Inỹ (F.M)	Transc. Fonética	Variação (~) (F.F)	Transc. Fonética (~)	Trad. Port.
Manake	[mãnaki]	∅	∅	vem cá
Matuari	[matuari]	Matukari	[matukari]	velho

/n/				
Inỹ (F.M)	Transc. Fonética	Variação (~) (F.F)	Transc. Fonética (~)	Trad. Port.
Nohyti	[nõhëti]	∅	∅	orelha
Benora	[benõra]	∅	∅	tucunaré
Aõhe	[aõhe]	Anõhe	[anõhe]	tudo bem?
Binõ	[bĩnõ]	∅	∅	umbigo

1.5 Tepe

/r/				
Inỹ (F.M)	Transc. Fonética	Variação (~) (F.F)	Transc. Fonética (~)	Trad. Port.
Rerora	[rirɔra]	∅	∅	comi
Rukuhe	[rukuf]	∅	∅	está de noite
Rade	[rad]	∅	∅	cabeça
Rue	[ru]	∅	∅	olho
Arake	[arake]	∅	∅	vou embora
Tori	[tori]	∅	∅	não indígena
Irodu	[irɔdu]	∅	∅	caça
Doroto	[dɔrɔto]	∅	∅	língua

3.4 Glides

Bem sabemos que para uma construção silábica, é necessário que exista uma vogal como núcleo de sílaba entre duas consoantes. Há casos de ocorrência de duas vogais em uma única sílaba, o que caracteriza um ditongo, que é exatamente esse encontro de vogais lado a lado. Cristófaró (2017, p. 95) “Entende que o ditongo se faz em decrescente e crescente, porque uma semivogal é um segmento com características fonéticas de uma vogal de não poder

constituir sílaba independente”. Nesse encontro vocálico, uma das vogais será átona e a outra tônica, ou seja, a pauta acentual de uma das vogais será maior, o que caracterizará a vogal tônica como núcleo da sílaba. A vogal átona virá localizada no aclave ou declive silábico e será classificada como glide ou semivogal. Foi perceptível nas pesquisas que o /j/ (glide) é menos produtivo no *Inỹ Rybe*.

Apresentamos abaixo a descrição fonética dos glides analisados no *Inỹ Rybe*, seguida de sua transcrição e significado, bem como a diferenciação dos fonemas entre fala masculina (F.M) e fala feminina (F.F), quando existir:

/j/				
Inỹ (F.M)	Transc. Fonética	Varição (~) (F.F)	Transc. Fonética (~)	Trad. Port.
Kaiboho	[kajbɔho]	∅	∅	nós

/w/				
Inỹ (F.M)	Transc. Fonética	Varição (~) (F.F)	Transc. Fonética (~)	Trad. Port.
Awire	[awire]	∅	∅	olá
Hawyỹ	[hawiĩ]	Hawkỹ	[hawki]	mulher
Waxihô	[waxiho]	∅	∅	nome próprio
Kowabiru	[kowabiru]	∅	∅	nome próprio
Weryry	[weriri]	Wekyry	[wekiri]	menino
Waxio	[waxio]	Waxiko	[waxiko]	meu braço

Reflexões finais

A educação bilíngue e diferenciada é um grande desafio às comunidades indígenas, e para o Povo Xambioá isto não é exceção, pois as mesmas são bombardeadas pelo português em todos os aspectos do ensino, desde o livro didático que é oferecido pelo Governo Federal, até as necessidades básicas de assistência estudantil como a merenda escolar, que não respeita a culinária tradicional.

Esta monografia então é resultado de muito empenho e respeito ao Povo Karajá-Xambioá, e visa contribuir no registro de fonemas da língua, pois, assim como foi ouvido de um membro da comunidade em um momento da pesquisa, o que se registra, não pode mais ser apagado. Assim, os caminhos que a fonologia percorre dentro da escola, estão diretamente ligados ao processo de alfabetização, gerando assim uma importante ferramenta didático pedagógica para os professores indígenas.

A estadia na aldeia nos momentos de pesquisa demonstrou a importância da língua materna como forma de resistência da cultura, pois os mitos, as danças, as pinturas, o artesanato, são peças importantes que compõem a história e vida do Povo Karajá-Xambioá, e todas essas manifestações culturais se entrelaçam com a língua materna, fazendo dela a alma que nutre a identidade.

O Laboratório de Línguas Indígenas efetua um grande trabalho de apoio à educação escolar indígena, com publicações de livros didáticos específicos para os povos Krahô e Apinayé. No ano de 2016 houve também a publicação de um livro didático específico Karajá-Xambioá, que gerou grande contentamento junto à comunidade. Deste modo, é esperado que esta monografia também possa dar suporte para futuras publicações de materiais didáticos específicos, auxiliando a manutenção linguística do povo com a facilitação do processo de alfabetização em língua materna.

Todas essas percepções carregam também a esperança de um fortalecimento das pesquisas com os povos indígenas, especialmente com os que habitam o Estado do Tocantins, caminhando pelo viés do ensino, da pesquisa e da extensão, com articulação entre docentes e discentes de graduação e principalmente com os programas de pós-graduação, que detêm a pesquisa como eixo norteador. Correlacionando os conhecimentos acadêmicos e os saberes tradicionais indígenas, forma-se uma via de mão dupla, que sem dúvida agrega apoio e respeito aos seus envolvidos.

É de grande importância mencionar, que esta pesquisa pôde abrir novos caminhos para o entendimento que ainda há muito para ser aprofundado em termos de descrição da língua Xambioá, pois existe grande riqueza vocabular e fonológica que demandam mais dedicação e tempo para pesquisa. A contribuição que pode ser gerada com o levantamento do inventário fonológico é imensurável, e desafia o pesquisador a continuar em constante aperfeiçoamento para poder contribuir de forma significativa para a promoção de uma educação escolar indígena específica, bilíngue e diferenciada para o Povo Karajá-Xambioá. A educação é a força que move o respeito, a igualdade e a equidade entre as oportunidades.

Referências

- ALBUQUERQUE**, Francisco Edviges. Contribuição da Fonologia ao Processo de Educação Indígena Apinayé. 2007, pg. 255. Tese (Doutorado) UFF.
- _____. Aspecto da situação sociolinguística dos Apinayé de Riachinho e Bonito. In: SANTOS, Ludovico dos; PONTES, Ismael (orgs.). Línguas Jê: estudos vários. Londrina: Editora da UEL, 2002.
- Aspectos Históricos e Culturais do Povo Karajá-Xambioá. Francisco Edviges **Albuquerque** e Adriano Dias **Gomes Karajá** (Orgs.) Campinas/SP: Pontes Editoras, 2016, 103 p.
- ANGROSINO**, Michael. Etnografia e observação participante. Porto Alegre: Artmed/Bookman, 2009.
- BALDUS**, Herbert 1937 – “**Mitologia Karajá e Teren**”, In Baldus, H. Ensaios de Etnologia Brasileira. São Paulo, Brasiliana.
- BRASIL**. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil: 1988. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 2005.
- CAGLIARI**, Luiz Carlos. Alfabetização & linguística. São Paulo: Scipione, 2003.
- _____. Análise fonológica: introdução à teoria e à prática, com especial destaque ao modelo fonêmico. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- CRISTÓFARO SILVA**, Thais. *Fonética e Fonologia do português: roteiro de estudos e guia de pesquisa*. 11 ed. São Paulo: Contexto 2017.
- FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO**. *Dados Gerais sobre as missões do Summer Institute of Linguistics*. Arquivo Histórico Clara Galvão/FUNAI. Brasília, 1956-1977.
- MAIA**, Marcus Antonio Rezende 1986- *Aspectos Tipológicos da Língua Javaé*. Dissertação (Mestrado) apresentada à Universidade Federal do Rio de Janeiro.
1987- *Relatório de visita ao P.I. Xambioá*. Manuscrito.
- PALHA**, Frei Luiz. Ensaio de Gramática e Vocabulário da Língua Karajá: falada pelos índios remeiros do Rio “Araguaia”. 1942.
- Referencial Curricular Nacional para a Educação Indígena**. Brasília: MEC/SEF, 2002.
- RODRIGUES**, Aryon Dall’Igna 1986 – Línguas brasileiras para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo, Loyola.
- SALLES**, Gilka Vasconcelos Ferreira de. Economia e escravidão na capitania de Goiás. Goiânia: Centro Editorial e Gráfico da UFG, 1992.
- SOARES**, Maria Aparecida Botelho P. Iniciação à fonética. UFRJ (Cadernos didáticos da UFRJ). 1992. 2 ed.

SUMMER INSTITUTE OF LINGUISTCS. Dados Gerais, Seção I. Museu Nacional. Rio de Janeiro, 1956.

TORAL, A. de A. Cosmologia e Sociedade Karajá. 1992. 414f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro/Museu Nacional, Rio de Janeiro, 1992.

_____. **Karaja do norte.** <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/karaja.atoral2uol.com.br>. agosto, 2001.

WARUKÁ KARAJÁ, Sinvaldo Oliveira. Alfabetização indígena, (0000). Superintendência de Educação Básica, Goiânia – GO.